

# O POVO SABANÊ E O PROCESSO CIVILIZADOR: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DA EDUCAÇÃO FORMAL INDÍGENA

Ilma Regina Castro Saramago de Souza  
ilmasaramago@hotmail.com  
Mestranda em Educação – UFGD

Dra. Marilda Moraes Garcia Bruno  
marildabruno@ufgd.edu.br  
Docente do PPGEDu – UFGD

**Resumo:** Este artigo é um recorte de estudos e pesquisas realizadas entre os indígenas Nambikuara do subgrupo Sabanê. Seu objetivo é refletir sobre o lugar da educação formal indígena no processo civilizador e analisar os possíveis impactos na cultura desse povo. Buscaram-se, no pensamento de Norbert Elias, subsídios para compreender a natureza e as especificidades do ser humano ou de seu grupo, e como a dinâmica e a vitalidade existente na cultura cria e recria novos padrões de comportamentos. Essa é uma pesquisa de inspiração etnográfica, com os procedimentos: Revisão da literatura, observação participante, registros no diário de campo e entrevista aberta com 51 indígenas Sabanê. Espera-se que as reflexões suscitadas contribuam para uma nova concepção do povo Sabanê, seu comportamento e sua educação, de forma que a relação dialógica se estabeleça no encontro com o outro e com sua diferente cultura.

Palavras - Chave: Processo Civilizador. Educação Formal. Diálogos

**Abstract:** This article is an excerpt from studies and surveys conducted among indigenous Nambikuara subgroup Sabanê. Your goal is to reflect on the place of formal education in indigenous civilizing process and analyze possible impacts on culture of this people. Was sought in the thought of Norbert Elias, subsidies for understanding the nature and characteristics of human beings or their group and how the dynamics and vitality existing culture creates and re-creates new standards of behavior. It is an ethnographic study of inspiration, with the following: Literature review, participant observation, daily records in the field and open interviews with 51 indigenous Sabanê. It is hoped that the reflections raised contribute to a new conception of Sabanê people, their behavior and their education, so that the dialogical relationship is established in the encounter with the other and with their different culture.

Key - Words: Civilizing Process. Formal Education. Dialogues

## *Introdução*

Os povos indígenas, ao longo dos anos, têm passado por diversos processos de mudanças. O contato com os não indígenas tem sido cada vez mais frequente e intenso, o que resulta em novos olhares, novos costumes e por que não mencionar, novos conflitos.

Nesses conflitos são necessários diálogos, para que nas relações entre indígenas e não indígenas sejam encontrados pontos de equilíbrio e de negociação, a fim de que o respeito e a valorização sejam recíprocos. No entanto, esta relação poderá ser permeada por constantes tensões e desencontros.

No âmbito das relações humanas, Elias (apud GEBARA e WOUTERS, 2009, p.36) pondera que os seres humanos evoluíram em um mundo constituído por outros seres além deles. E, que cada ser humano, portanto, é feito daquilo que chamamos de natureza para viver em comum e em relação com a grande variedade de seres, alguns são amigáveis, alguns são hostis, alguns são inanimados, sendo que destes últimos, alguns são humanos. Sendo assim, a maioria dos atributos e propriedades de um ser humano têm funções que podem ser compreendidas somente se considerarmos as relações com outros seres, além dele próprio.

Nesse universo das relações humanas, do encontro com o outro diferente de si, e entre as mudanças vividas pelo grupo indígena Sabanê, figura a educação. Esta era antes uma educação nativa, natural, aprendida no cotidiano da aldeia, transmitida pelos avôs, pelos pais e pelos líderes religiosos, hoje passa a ser uma educação formal, limitada ao espaço da escola, transmitida única e exclusivamente pelos professores, aqueles que supostamente têm o domínio de todo o conhecimento.

Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi refletir sobre o lugar da educação formal indígena no processo civilizador e analisar os possíveis impactos na cultura desse povo. As indagações e reflexões estão ancoradas no pensamento de Norbert Elias que nos ajuda compreender a natureza e especificidades do ser humano ou de seu grupo e como a dinamicidade e a vitalidade existente na cultura criam e recriam novos padrões de comportamentos.

Para refletir sobre essas questões adotaram-se os seguintes procedimentos: Revisão da literatura, o que possibilitou constatar a necessidade de estudos sobre o povo Sabanê; a observação participante, uma vez que a primeira autora deste texto conviveu entre esse povo em um período de treze anos, “mergulhada” no campo, conforme menciona Vianna (2007), fazendo parte de todos os eventos, com a possibilidade de adentrar em locais e acontecimentos, onde provavelmente uma pessoa que não fosse próxima ao povo, não conseguiria adentrar; a entrevista aberta, o que proporcionou a coleta de dados específicos da pesquisa e a ampliação do entendimento de diversos aspectos culturais, pois os entrevistados externalizaram, com maior liberdade, os seus pensamentos e conhecimentos (FLICK, 2009). No diário de campo foram registrados os dados coletados na observação participante e nas entrevistas com os indígenas.

As observações e os registros no diário de campo ocorreram nas seis aldeias, onde estão os Sabanê. Foram entrevistados 51 indígenas, com faixa etária entre 20 e 71 anos, sendo 23 deles do gênero Masculino e 28 do gênero feminino. Dentre eles, 4 são professores do Ensino Fundamental, todos do gênero masculino.

O Artigo se propõe a refletir sobre as concepções construídas sobre os Sabanê, o lugar da educação formal no processo civilizador. Para tanto, apresentará um panorama sobre o povo Sabanê, a chegada da educação formal entre eles, algumas concepções sobre esta

educação formal, bem como alguns apontamentos de como se tem estabelecido os diálogos entre o processo civilizador e a educação indígena formal.

### *Quem é o povo Sabanê*

O povo Sabanê é um dos três subgrupos Nambikuara existentes na região norte do Brasil. Eles estão localizados as margens da BR 364 que ligam os Estados do Mato Grosso e Rondônia. Segundo o censo realizado pela Fundação Nacional de Saúde, no primeiro semestre de 2010, esta população estimava em 293 indígenas, sendo 60% formada por crianças e jovens até os 20 anos. E, 30% formado por uma população com idade de 21 a 40 anos e, sendo a minoria deles, com idades entre 41 e 71 anos.

Até o ano de 2002, os Sabanê concentravam-se na Aldeia Aroeira, porém, com a justificativa de “povoarem as suas terras” demarcadas, algumas famílias decidiram abrir novas Aldeias. Após escolherem o local adequado, desmataram um espaço, construíram suas casas, formaram roças, estabeleceram-se ali. Deste modo, atualmente contam-se seis Aldeias novas, formadas a partir desta data.

Além destas, é possível encontrar indígenas Sabanê em outras aldeias, onde estão localizados os demais subgrupos Nambikuara, pois eles casam-se entre si. Também é possível encontra-los na cidade de Vilhena, Estado de Rondônia, pois eles saem de suas aldeias em busca de trabalho e escola para os seus filhos.

A origem dos Sabanê pode ser contada de diversas formas pelos indígenas, uma delas está ligada a um ser espiritual que em um ritual mágico fez aparecer todos os Nambikuara, como relatou um dos indígenas idoso:

Antigamente não existia ninguém no mundo, só existia um único homem, um velho índio, era espírito. Ele tinha quatro sementes, duas ele tirou do seu próprio peito e duas tirou do seu órgão genital. Entre suas mãos ele esfregou muito estas sementes, jogou – as na fogueira, tempo depois apareceram quatro índios, e depois mais quatro índios apareceram, e assim por diante. Foi somente depois que apareceram todos os índios que existem, é que apareceu o homem branco.

Estas histórias, narradas especialmente pelos anciões, guardam em suas memórias, vivas lembranças que se movimentam entre o passado e o presente. Muitas histórias, crenças mitos, rituais e festas desse povo perderam-se com o tempo, porém ainda existem algumas que são preservadas e praticadas, certamente com algumas transformações.

Entre as festas está a “Festa da Menina Moça”, que é um ritual de iniciação, realizado após a menarca da jovem. A partir deste acontecimento a menina é confinada em um cômodo construído ao lado da casa de seus pais.

Os mais velhos, os “donos da sabedoria”, explicam que o tempo em que a menina permanece confinada, serve para que ela receba os conselhos e a preparação necessária para se tornar uma mulher com saúde, sabedoria e forças para seguir seus dias na terra, como esposa e mãe. Enquanto ela estiver no confinamento não poderá ser vista por nenhum homem, pois isto pode trazer para ela sorte ruim.

No dia determinado por seus pais acontece uma grande festa e a jovem é liberada para sair do seu confinamento, onde dançará a noite toda com aqueles que seus pais escolheram para apadrinhá-la. Ao amanhecer o dia, caso a jovem já tenha um pretendente escolhido e combinado pelos pais de ambos, será entregue ao jovem que a partir daquela manhã se torna o seu esposo.

Entre o povo Sabanê uma figura muito importante é o “Pajé”, líder religioso, responsável por todos os assuntos do mundo invisível. Ele é o responsável, entre outras coisas, por dar conselhos e promover a cura física, através do seu conhecimento pelos inúmeros recursos de ervas medicamentosas da floresta. Também tem a função de auxiliar espiritualmente o seu povo, assumindo o papel de intercessor entre os espíritos e a comunidade.

Para Geertz (2008), este fenômeno é explicado pelo fato de que o homem necessita de um líder espiritual, esteja ele na cidade ou nas matas. Ele precisa de um mediador entre ele e o sobrenatural.

A Língua Sabanê não pertence a nenhum tronco linguístico existente no Brasil, sabe-se somente que esta língua pertence ao tronco linguístico Nambikuara. Conforme Souza (2010), o povo Sabanê está passando por um significativo processo de aridez cultural e linguístico, pois somente os indígenas mais velhos ainda preservam a Língua Nativa, usando-a em sua comunicação diária. Os indígenas de meia idade, apesar de entenderem a língua não conseguem falar, pois não aprenderam com os seus pais enquanto ainda crianças. Os mais jovens nem mesmo conseguem compreender a língua do seu povo, utilizam apenas a Língua Portuguesa para a comunicação.

Em entrevistas realizadas entre os indígenas (SOUZA, 2010), os mais jovens afirmam que a sua língua (sentido literal da palavra) não consegue mais se desenrolar para falar como Sabanê. Relatam, ainda, que a língua é difícil e que não conseguem mais aprendê-la. Destacam que a Língua Portuguesa é mais fácil.

Os mais idosos, que somam uma parte muito pequena da população, acrescentam que os mais jovens não querem aprender a língua, pois eles estão cada vez mais inseridos nos costumes e na cultura do não indígena, o que Calvet (2002) caracteriza de “Comércio linguístico”, pois esta inserção proporciona negociações, aceitação e possibilidades diversas.

Quanto a sua acomodação, os Sabanê normalmente constroem suas casas a margens dos rios, pois é ali que lavam suas roupas, lavam suas vasilhas, tomam banho, fazem sua comida e utilizam sua água para as demais necessidades.

A suas casas normalmente são construídas de tábuas, a cobertura é feita de folhas de paxiúba (tipo de coqueiro), ou de telhas de zinco. Geralmente estas casas são construídas longe de árvores, pois assim ficam protegidas das ventanias e do perigo que elas, porventura, trazem.

Reconhecidos como seminômade, o povo Sabanê frequentemente constroem casas novas, seja ao redor do local onde já morava, ou em um local mais afastado, porém sempre na proximidade do grande grupo.

Contrariamente a ideia de que a comunidade indígena vive de forma aleatória, cada membro da família exerce sua função de maneira organizada. Os homens fazem as roças, pescam, caçam e protegem suas famílias de todo e qualquer perigo. As mulheres ajudam no plantio e na colheita dos produtos, saem com seus maridos para a pesca e para a caça, fazem artesanatos e cuidam dos seus filhos, proporcionando o bem estar de toda a sua família. Para as crianças, da mesma forma, são delegadas algumas tarefas: as maiores cuidam de seus irmãos menores, enquanto sua mãe cumpre suas tarefas; todas juntas participam da coleta de frutos no mato, o que serve para completar o alimento do grupo.

Apesar de o sistema ser patriarcal entre os Sabanê, a mulher, em alguns aspectos, tem um papel marcante na comunidade. Principalmente no que diz respeito a seus filhos, pois quando se trata do casamento, é ela, a matriarca, quem tem a palavra final quanto a entregar, ou não, o seu filho ou a sua filha para a família que deseja tê-los como genro ou nora. Após o casamento, não é de se estranhar, que em não dando certo o combinado, a mãe vá tomar seu filho ou filha de volta para morar consigo novamente. Caso tenha passado muito tempo e seus filhos já tenham se tornado pais, isso não fará diferença, pois também os seus netos encontram abrigo e proteção em sua casa. Como avó, ela se incumbirá de ajudar na criação dos seus netos, perpetuando assim as gerações.

### *A educação formal chega entre os Sabanê*

A educação formal entre os indígenas Nambikuara inicia na região do cerrado com a chegada da Missão Jesuíta em seu território, isso por volta dos anos de 1930. Enviados pelos padres, alguns jovens indígenas saíram de suas aldeias para estudar, permanecendo na Missão do Utiariti, onde ficavam em sistema de internato.

A primeira “Escolinha” surge com a chegada das “Irmãzinhas da Imaculada Conceição”, no início de 1940, onde um pequeno grupo composto por meninos e meninas aprendia a ler e a escrever.

A abertura das estradas, a chegada dos seringueiros, dos garimpeiros e de outros exploradores na região ampliaram o acesso e a formalização da educação dos indígenas.

Um jovem não indígena, filho do seringalista da região, Ayres da Luz, foi contratado como professor dos indígenas, pelo governo do Mato Grosso, em 12 de abril de 1950, pelo Decreto nº 7614. Na “Escola Rural Mista Nambikuara” ministrava aula para mais de cem crianças. Na escola, o professor Ayres não somente ensinava os seus alunos a ler e a escrever, mas também ensinava noções básicas de moral e civismo e hábitos de higiene. Em entrevista à Anna Maria Ribeiro da Costa, Ayres da Luz, declara:

Os cadernos dos meninos índios eram todos vermelhos e engordurados de urucum e outros bichos. Na porta da escola coloquei uma bacia, sabão de barra e ali era obrigatório lavar as mãos. Os alunos ficavam mais aplicados por causa do guaraná Zenith, que era o prêmio para aplicação. O que tinha de indiozinho aplicado. (...) começou a grande batalha, ensiná-los a perfilarem e a cantar o Hino Nacional. (...) Chegou finalmente o dia 7 de setembro. Era o dia D, seria o coroamento de todos os nossos esforços. Hasteada a Bandeira, os índios todos perfilados, brilhando de tão limpos (recomendamos que fizessem uma faxina), tiramos muito piolho, muito sabão foi gasto, mais o efeito foi recompensador. Com as autoridades presentes, frente ao palanque

oficial, começamos a cantar o Hino nacional, todos muito compenetrados. A música do Hino estava linda. Todos cantavam entusiasmados. (COSTA, 2002, P. 124)

Além dos indígenas, estudavam na escola os filhos dos seringueiros, que, devido ao trabalho dos seus pais, moravam na região dos indígenas. Neste sentido, podem-se observar, no relato do professor, traços muito fortes da educação do não indígena, que somando ao aspecto colonizador, busca, conforme afirma Melià (1979, p. 46), “[...] atender as necessidades das crianças dos brancos, se torna cada vez mais branca”.

Juntamente com as Missões Católicas, com os seringalistas e com os outros colonizadores, os missionários protestantes de Missões norte-americanas também construíram a história da educação formal entre os indígenas Nambikuara, pois entre os objetivos religiosos estavam à expansão educacional.

Em parceria entre estas missões e a Fundação Nacional do Índio, a FUNAI, foram escritos livretos com histórias culturais, elaboradas cartilhas para alfabetização, e a organização da gramática para a Língua dos Nambikuara do Cerrado.

Somente a partir dos anos 70, a sociedade brasileira representada por entidades diversas, por instituições, e por organizações governamentais e não governamentais, foi possível promover lutas mais fortes pelo direito a educação de todos os indígenas.

O governo de Rondônia obteve, junto ao Banco Mundial, financiamento para viabilizar a estruturação de um polo administrativo da FUNAI, que foi fixado na cidade de Vilhena / RO. Como também, foi possível à construção de novas escolas nas aldeias e a contratação de professores não índios para lecionarem nestas escolas.

Em arquivos na Seção de Educação da FUNAI, no polo da cidade de Vilhena, Rondônia, consta que a organização da escola entre os Sabanê foi implantada na aldeia Aroeira, entre os anos de 1884 a 1985, sendo ministradas as disciplinas na área de Língua Portuguesa, Matemática, Estudos Sociais e Ciências.

Todas estas mudanças, inclusive mudanças educacionais no contexto indígena, foram despertando nos jovens e adultos indígenas o desejo de obter novos conhecimentos a partir da leitura e da escrita.

Antes, aqueles que foram denominados de incapazes, selvagens, terríveis, violentos, entre tantos outros estigmas, como discutem Silva e Pressler (2011), vão aos poucos desconstruindo esta imagem aos olhos dos não indígenas, pois na educação, mesmo com a história colonialista, eles veem a possibilidade de lutar por seus direitos, é o que demonstra um dos indígenas Sabanê ao afirmar que: “Os índios não querem esquecer a sua cultura, o que eles desejam é ter conhecimento, para que possam ter uma luta de igualdade com o homem branco”.

### *Concepções e o lugar da educação formal no processo civilizador entre o povo Sabanê*

A tradição colonialista concebeu o indígena como ser desprovido de alma, um ser selvagem, incapaz e ignorante. Os seus costumes, a sua cultura, o seu modo de ser e de viver são medidos e julgados constantemente, fazendo deles, segundo acreditam alguns, um ser incivilizado.

É interessante perceber que ao fazer referência a um determinado grupo indígena o questionamento recorrente é: “Eles já são civilizados?”, esperando dessa forma requisitos para a integração e/ou aceitação dos mesmos na sociedade civilizada.

Apesar de ser, ainda, motivo de inúmeros conflitos e desencontros de ideias, pensa-se que o indígena civilizado é aquele que veste jeans, calça tênis, utiliza o aparelho celular, está inserido nas redes sociais e vai à escola. O critério para saber se o indígena é ou não civilizado está no seu estereótipo, naquilo que a aparência apresenta.

Os aspectos intrínsecos do modo de ser e de viver do indígena são desconsiderados, como se ele, em um período de pouco tempo pudesse esquecer-se de todos os ensinamentos transmitidos por seus antepassados, de toda a construção da sua origem e identidade.

Nesta perspectiva, pergunta-se neste trabalho o que é civilização? Qual o processo para ser civilizado? De que forma o indígena pode se civilizar? Quais as vantagens da civilização? Quais são os diálogos possíveis entre o processo civilizador e a educação? Tentando buscar algumas pistas para que estas perguntas sejam respondidas, embora saiba ser este um assunto complexo e que suscita mais questionamentos do que respostas buscam-se no entendimento de Norbert Elias, algumas inferências pertinentes.

Para Elias (1994), o conceito de civilização, parte do pressuposto de que varias atitudes e atividades humanas, expressam a consciência de que o ocidente tem de si mesmo, a consciência nacional, aquela que ela própria julga de si.

“[...] resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedade mais antiga ou a sociedades contemporâneas ‘mais primitivas’. Com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica, ou visão de mundo, e muito mais”. (ELIAS, 1994, p. 23)

Apesar de conceituar a civilização de forma ampla, o sociólogo alemão destaca que tal pensamento não pode ser generalizado, pois culturas e línguas diferentes podem ter o seu conceito particular e peculiar.

O estudioso acredita que todas as sociedades passam por transformações e estas ocorrem de forma independente e involuntária, pois elas têm origens nas teias de interdependências sociais.

Ainda que uma sociedade esteja afastada de outras sociedades já “civilizadas”, a dinamicidade e a vitalidade existentes na cultura criam e recriam novos padrões de comportamentos entre si. No entanto, estes padrões de comportamentos se evidenciam, ainda mais, no contato com outros grupos. Estes, até então naturais e supostamente tidos

como únicos, passam a ter uma segunda natureza, pois aparece a necessidade de se sustentar uma nova personalidade.

Embora, haja a necessidade desta sustentação de personalidade, mediante a racionalização das exigências da inserção na sociedade, Elias (1993) afirma que este é um processo que causa sentimentos de vergonha, de repugnância e de embaraço, pois quando aliados, estes sentimentos causam novos outros sentimentos como a ansiedade e o medo, medo da degradação social e/ou dos gestos de superioridade das outras pessoas.

Para o estudioso, a impotência e a fragilidade resultantes destes sentimentos não estão relacionadas à superioridade física, mas ao próprio superego, a autolimitação, e, ao poder exercido de quem ele já foi subordinado e dependente.

Na concepção de Renato Janine Ribeiro, prefaciador de *O Processo Civilizador*, Elias (1994), ao lidar com o processo civilizador, lida com a aparência, pois as regras elementares de comportamentos dos “bons costumes” como não escarrar, não comer com as mãos, não por as botas em cima da mesa foram todos adquiridos, não são resultados de atitudes naturais do homem.

Baseado nas ideias de Nietzsche, Elias (1994) afirma que ao contrário de serem atitudes naturais, dádivas de Deus como pensam alguns, estes “bons costumes” custaram um preço, preço este chamado de adestramento que: “terminou fazendo do homem, um animal interessante, um ser previdente e previsível” (ELIAS, 1994, P. 10).

As regras elementares de comportamento também tiveram como protagonista a escola, haja vista ser ela disseminadora dos “bons costumes”. Pois, ela é o espaço onde os seus alunos deveriam ser sempre “educados”, enfileirados, silenciosos e organizados. Nunca escarrar, ou comer com as mãos, ou colocar os pés na carteira.

O comportamento deveria ser sempre exemplar, assim como mencionado anteriormente na voz de Ayres da Luz, professor da escola indígena Nambikuara: “Hasteada a Bandeira, os índios todos perfilados, brilhando de tão limpos [...]. Com as autoridades presentes, frente ao palanque oficial, começamos a cantar o Hino nacional, todos muito compenetrados” (COSTA, 2002, P. 124).

Ainda que os anos tenham passado, e muito empenho, dedicação e engajamento ocorram para que haja a autonomia, a construção do saber, o respeito e a valorização integral do sujeito, a realidade é que a escola ainda continua cometendo erros em nome da civilização, os alunos, em especial os indígenas continuam pagando um alto preço. Para serem “civilizados” precisam negar a sua cultura, precisam negar a sua língua, pois ela não atribui status, prestígio como alerta Rajagopalan (2003). Pelo contrário, muitas vezes, ao estudarem na escola do não indígena negam serem indígenas para não sofrerem o preconceito e o estigma já tão conhecido.

Certamente, durante todo o processo de discussão a que se propôs este trabalho, é considerável pensar que existem, sim, possíveis diálogos entre o processo civilizador, os indígenas e a educação formal indígena, ainda que estes diálogos estejam inacabados e mereçam um olhar mais cuidadoso e respeitoso.



Em todo o tempo é possível reconhecer os povos indígenas nas discussões de Norbert Elias. Nelas não somente se reconhece o povo Sabanê, mas também, se reconhece o povo Guarani e kaiowá, grupos que tem sido foco de pesquisas atuais das autoras deste trabalho. É possível reconhecer, ainda, tantas outras etnias que ao longo dos anos tem migrado das suas aldeias em busca da “civilização”.

Muitas vezes por meios de artefatos tão aparentes como o aparelho celular, ou/e uma página de relacionamento na internet, os indígenas buscam a pertença do grupo que não é seu, precisando, neste caso, conviver e se personalizar. Como mencionado anteriormente, o preço é sempre alto. Custa a perda da língua, dos muitos aspectos culturais, da exploração pela mão de obra barata na cidade, e em alguns casos até das próprias vidas.

Ainda, conforme Elias (1994), o peso da civilização está instalado nos ombros dos homens, pois, à medida que eles se civilizam desencadeia uma nova tensão. Utilizando-se dos pensamentos freudiano, Elias conclui sobre a própria civilização: “quanto mais aumenta, mais cresce a infelicidade” (ELIAS, 1994, p.10). Pois, no processo civilizador, a busca é constante e sem fim.

### *Considerações finais*

Ao terminar este texto a impressão é de que muitas outras discussões podem ser geradas sobre este tema. Os estudos de Norbert Elias instigam e provocam a pensar, repensar e refletir constantemente sobre muitos outros temas entre os processos civilizadores, os povos indígenas e a educação.

Por mais que se busquem as respostas para as questões propostas, observa-se que muitas outras perguntas vão surgindo, o que torna o assunto inesgotável, inacabado, possibilitando novas reflexões.

Os indígenas continuam vivenciando o processo civilizador ao qual Norbert Elias se refere. Continuam buscando a sua aceitação e reconhecimento na educação e pela educação, em outras sociedades, em outras culturas. Continuam, pagando o preço para assimilar os “bons costumes” que os segmentos diversos da sociedade exigem.

Se o processo civilizador tem oferecido aos indígenas a realização e o contentamento esperado, não se sabe, pois este é um dos temas que inquieta, que aflige e que provoca o interesse para novas pesquisas.

### **Referências Bibliográficas**

CALVET, Louis – Jean. **Sociolinguística uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

COSTA, Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira. **Senhores da Memória: Uma história do Nambikuara do Cerrado**. Cuiabá: Unicem, 2002.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização.** v 1 Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador. Uma História dos costumes.** v 2. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

\_\_\_\_\_. **Sobre os seres humanos e suas emoções: Um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos.** In: GEBARA, Ademir; WOUTERS (Orgs.). O controle das emoções. João Pessoa: Editora Universidade UFPB, 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica. Linguagem, identidade e a questão ética.** 2 ed. São Paulo; Parábola Editorial, 2003.

SILVA, Jairo da Silva e; PRESSLER, Neusa. **Hibridismo Cultural e Identidade Indígena na Aparelhagem Tuxauá.** Belém/PA: ALAIC, 2011. Disponível em: [http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/alaic\\_artigos/Alaic\\_Silva\\_e\\_Silva.pdf](http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/alaic_artigos/Alaic_Silva_e_Silva.pdf)  
Acessado em: 27.08.2012 as 03: 30 horas

SOUZA, Ilma Regina Castro Saramago. **A Aridez na Língua e Cultura no/do Povo Sabanê: Um Estudo Sócio-Linguístico-Cultural.** Monografia (Licenciatura em Letras), Universidade Federal de Rondônia, Vilhena/RO, 2010.

MELIÀ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização.** São Paulo: Loyola, 1979.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em Educação: A observação.** Brasília: Líber Livro Editora, 2007.